

Feira agroecológica enquanto comunidade de prática: redes de sociabilidade, consumo e resistência

Maria Rita Macedo Cuervo

Professora Doutora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul,
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
ritacuervo@gmail.com

Cristiano Hamann

Doutorando pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
cristiano.hamann@gmail.com

Adolfo Pizzinato

Professor Doutor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
adolfofizzinato@hotmail.com

Resumo Este estudo procura compreender o funcionamento de uma feira agroecológica em Porto Alegre a partir da noção de *comunidades de prática*. Além de observação participante durante quatro anos, foram realizadas dezenove entrevistas, entre produtores(as) e consumidores(as), de modo a construir uma rede de temas recorrentes e apreensões qualitativas que permitem compreensões acerca das relações estabelecidas. Despontaram três aspectos na formação desta *comunidade*: a associação do alimento orgânico com saúde; a agroecologia como produção e consumo político; a confiança, sociabilidade e transgeracionalidade como aspectos relacionais distintivos. Os atores sociais assumem posições num discurso ambientalista que envolve alternativas à produção agroindustrial, dando ensejo para formas de resistência política que se expressam na construção de uma rede dialógica de negociação comercial e sociabilidade.

Palavras-chave: Práticas alimentares, cultura alimentar, feira agroecológica, comunidades de prática, ruralidade.

Introdução

A alimentação é uma das atividades humanas mais importantes, se não a primordial. Além das razões biológicas,

envolve aspectos sociais que são fundamentais na dinâmica das sociedades e das relações entre as pessoas e suas comunidades (Proença, 2010). As perspectivas teóricas que procuram dar ensejo para essa dimensão social da alimentação interpretam atividades como obtenção dos alimentos, preservação, preparação, apresentação e consumo enquanto instâncias que não se restringem a questões operacionais. Nesse campo de discussão, o conceito de práticas alimentares ampliou o potencial da alimentação como tema de interesse de várias áreas de investigação, dando ênfase ao seu potencial enquanto processo social e cultural complexo. Particularmente neste estudo, situamos esta problemática no território da Psicologia Social (Amon; Guareschi; Maldavsky, 2005), que procura atentar à articulação de vários sistemas – constituídos por fatores ecológicos, históricos, culturais, sociais, econômicos e relacionais (Maciel, 2005) – que circunscrevem a alimentação enquanto processo subjetivo e que, portanto, envolve as especificidades dos modos de vida das pessoas e comunidades diante das contradições do tempo presente.

As análises sócio-históricas indicam que o consumo alimentar sofreu alterações, perceptíveis de diferentes estágios daquilo que se tem chamado de transição nutricional (Dos Santos; Diez Garcia; Liotino dos Santos, 2015). Um aumento progressivo na ingestão de alimentos com grande densidade energética, caracterizados por substâncias ricas em gordura e açúcar refinado, e uma diminuição de carboidratos complexos (ricos em fibras) são, por exemplo, atos característicos do período pós-industrial, a despeito das demandas nutricionais humanas e mitigando o impacto das transições ambientais no acesso à diversidade alimentar – que passa a sofrer mais influência de interesses econômicos do que ambientais. O impacto amplo dessa transição nutricional após décadas de incremento do consumo de alimentos processados e ultraprocessados pela indústria é observado espacialmente na saúde, com aumento significativo de doenças crônicas não transmissíveis em todo o mundo¹ (Helman, 2003; Diez Garcia, 2005; Schmidt et al., 2011).

Um dos fenômenos que se acoplam a esse tipo de consumo de alimentos foi o crescimento mundial de cadeias de restaurantes de estilo *fast food*, de origem estadunidense. Essa possibilidade de alimentação, inscrita na contemporaneidade, oferece refeições rápidas, processadas industrialmente e práticas para o transporte, correspondendo a uma representação majoritária de vida urbana² (Diez Garcia, 2005). Esse modelo alimentar

1 Segundo estudos da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), um em cada oito habitantes do planeta sofre de doenças relacionadas à alimentação. No que se refere à obesidade, por exemplo, tem-se um contingente de mais de 672 milhões de pessoas, a maioria vivendo na América do Norte, ainda que em África e Ásia a tendência tenha aumentado. Esses números alarmantes são indicados como associados à qualidade da alimentação disponível, escasso acesso a alimentos nutritivos pelo alto custo, estresse de viver com a insegurança alimentar e adaptações fisiológicas à privação alimentar. <<https://news.un.org/pt/story/2018/09/1637452>>.

2 Ainda que se possa estabelecer contrastes com o consumo de fast food nos Estados Unidos da América e no Brasil, estudos atuais têm demonstrado um aumento previsto de 30,88% de acréscimo no consumo deste tipo de alimento em território nacional entre 2014 e 2019. Em termos globais, Espanha, Brasil e China representam os maiores aumentos de consumo deste tipo de alimentação (EAE Business School) <<https://www.eae.es/actualidad/noticias/fast-food-consumption-in-spain-will-rise-by-50-over-the-next-five-years>>.

industrializado se alinha enquanto produto e produtor de estilos de vida das sociedades pós-industriais atuais, incrementado pela introdução de novas tecnologias de produção e consumo. Essas formas de estabelecer relações com a alimentação, ainda que não hegemônicas, indicam um aumento no consumo de alimentos processados, ultraprocessados e quimicamente modificados e enriquecidos.

Para Collaço e Menasche (2015), essa conjuntura não pode ser analisada sem considerarmos as práticas e atitudes culturalmente associadas aos processos produção e consumo de alimentos. Para as autoras, é necessário atentar para questões identitárias, uma vez que também evidenciam ressignificações nas noções de “tradicional, autêntico, saudável” em um marco nem sempre antagônico ao consumo de alimentos processados e ultraprocessados. Antes de um antagonismo, poderíamos notar certa articulação entre diversos movimentos de resistência e de (re)criação de culturas de produção, comércio, preparo e consumo de alimentos (PCPC), calcados em uma perspectiva menos industrial. Exemplo de processos alternativos ao consumo de produtos processados industrialmente é o mercado de produtos livres de agrotóxicos, identificados como agroecológicos, assim como os meios de produção que carregam a preocupação com o ambiente como marca registrada. Essas diferentes possibilidades de consumo aparecem tensionadas por campos diversos, dos quais podemos tomar como exemplo o funcionamento atual das relações urbanas e de trabalho, cuja exigência e itinerário têm na velocidade um de seus vetores mais importantes, e o *slow food*, cuja proposta é a construção do hábito do comer enquanto processo reflexivo. Como já apontam as mesmas Collaço e Menasche (2015), desde as ciências sociais muitos autores discutem essas novas relações e outras dicotomias, como a de puro/impuro, revelando também limites grupais e a potencialidade de, por meio da ordem e classificação do alimento, pensar relações sociais implicadas no circuito alimentar.

Nessa mesma direção, a análise apresentada a seguir não tem como perspectiva estabelecer uma narrativa de uma suposta “Idade do Ouro” mítica da alimentação, na qual a refeição ideal seria uma busca de um tempo nunca presente – uma vez que não se acredita nem ser possível um tipo de resposta absoluta –, mas busca-se aqui atentar para os efeitos que produzem esses diferentes discursos e materialidades, em especial tomando como partida uma feira agroecológica que existe há quase vinte anos na cidade de Porto Alegre. Escolhe-se uma feira por serem elas um potente exemplo de prática cultural que se manteve com o passar dos séculos, agregando complexidades típicas de seus tempos e permitindo compreender aspectos discursivos e materiais do sistema de produção, comércio, preparo e consumo PCPC. Tomando uma feira como foco de estudo, podemos elencar e constituir dimensões que circunscrevem as práticas alimentares, enquanto processualidades que envolvem produção, comércio, preparo e consumo (PCPC) de alimentos, enquanto esferas sociais. Nesse sentido, abrangem o processo de acesso à terra, à água, a formas de produção, abastecimento, distribuição, comércio, até o destino dos resíduos gerados no processo. São espaços que indicam dinâmicas sociais no campo alimentar pelo estabelecimento de relações de comércio e consumo. Entretanto, o *fazer a feira* agrega, a esse sistema, valores e significados (Gonçalves; Abdala, 2013). As

feiras são nós de potencial sociabilidade, pontos de encontro através dos quais é possível gerar um sentido de permanência, de identidades e dissidências, caracterizando-se no campo das comunidades – tanto pelo compartilhamento de informações, saberes, valores e identificações, como da própria materialidade dos fazeres.

A organização das unidades de produção, consumo e das significações de práticas alimentares pode ser entendida como dinâmicas comunitárias, segundo a complexidade que lhe confere Wenger (2001) em seu conceito de *comunidades de prática*: grupos de pessoas que compartilham um fazer, e aprendem como fazê-lo melhor interagindo regularmente. Segundo o autor a noção de comunidade se organiza a partir de três eixos integrados: compromisso mútuo, ação conjunta e repertório compartilhado. Esses elementos permitem que se compreenda o processo de constituição de uma comunidade como relação contextual de práticas, identificações e aprendizagens. Para Wenger (2001), esses aspectos não supõem homogeneidade, podendo compor-se numa complementariedade ou parcialidade situada. *Compromisso mútuo* fala de uma rede de significados que se negocia mutualmente. Baseia-se, nesse sentido, num processo de fazer conjuntamente, e, portanto, na manutenção de uma comunidade pela via da relação e da negociação dos processos grupais. A segunda noção envolvida, a ideia de *ação conjunta*, compreende as práticas resultado da relação de responsabilidade mútua em determinada comunidade. O terceiro aspecto, caracterizado como *repertório compartilhado*, compreende um conjunto de conceitos, artefatos e estilos envolvidos nas práticas comunitárias.

Essas dinâmicas não se dão deslocadas de dimensões discursivas, como trabalhos atuais utilizando a noção de comunidades de prática demonstram (Hamann; Pizzinato; Rocha, [2019]). Nesse sentido, os significados atribuídos às práticas indicam fatores qualitativos importantes para a compreensão desse tipo de fenômeno comunitário em sua complexidade. No caso particular das feiras, a noção operada por Wenger (2001) parece apropriada para tecer compreensões acerca do jogo de forças que envolve a produção, compra, venda e o consumo de produtos agroecológicos, recusando leituras dualistas ou maniqueístas que não dão a devida atenção para as contradições e articulações, discursivas e materiais, que circunscrevem esse campo.

As análises derivadas deste estudo, conforme se apresenta a seguir, foram organizadas em eixos que possibilitam pensar uma feira agroecológica como espaço de produção social: a associação do alimento orgânico com saúde e confiança (compromisso mútuo); a agroecologia como produção e consumo de implicação política (repertório compartilhado); a sociabilidade e transgeracionalidade (ação conjunta).

Método

Para a realização deste estudo, utilizou-se como base a inserção etnográfica, alicerçada na observação participante (Whyte, 2005). Essa perspectiva metodológica considera, em especial, que o processo de aproximação e desenvolvimento em campo na pesquisa envolve

tempo e dedicação exploratória. Supõe, no movimento de aproximação e observação em campo, a interação entre pesquisadora(o) e pesquisada(o), de modo que se realize nesse processo uma autoanálise que mapeie a história da própria pesquisa e que permita, a partir de diários de campo, refletir acerca do itinerário investigativo. Situando-se numa perspectiva epistemológica na qual não se procura, ou mesmo acredita, a imparcialidade e neutralidade em pesquisa – e seguindo os pressupostos de Whyte (2005) –, propõe-se analisar a interação estabelecida sem a pretensão de uma “imersão total” (Whyte, 2005, p. 301). Nessa perspectiva, desenvolver uma rotina de trabalho é importante, e, por isso, a Feira foi observada durante quatro anos. A partir dessas observações, diários de campo foram construídos.

Ainda que entrevistas formais sejam desnecessárias sob essa perspectiva observacional, foram realizadas 19 entrevistas que deram ensejo para alargar a discussão aos itinerários desenvolvidos pelos participantes e os significados atribuídos ao fenômeno social em análise. Essas entrevistas de caráter narrativo tiveram como pergunta gerativa, conforme orienta Uwe Flick (2009), a questão: “como tem sido a tua participação aqui na Feira?”. Essas entrevistas aconteceram em dois momentos. Inicialmente o(a) participante era instruído(a) acerca dos objetivos e da sua participação na pesquisa, assim como convidado(a) a responder a pergunta gerativa. Num segundo encontro, as entrevistas eram retomadas na construção de uma narrativa conjuntamente construída e chancelada por parte do(a) participante da pesquisa. Essas entrevistas foram gravadas e transcritas, e analisadas posteriormente à luz do referencial teórico. Neste artigo, os(as) participantes serão caracterizados(as) em termos de seu papel central na dinâmica da feira, ou seja C (quando consumidor[a]) e P (quando produtor[a]).

Resultados e discussão

Os diários de campo provenientes das observações e as entrevistas foram realizadas em uma feira agroecológica no Bairro Bom Fim, em Porto Alegre. Despontam na análise desenvolvidas sobre a Feira três aspectos analiticamente estratégicos e considerados distintivos pelos(as) interlocutores(as) na formação desta *comunidade de prática*: a associação do alimento orgânico com saúde e confiança nas negociações (dimensão compromisso mútuo); a agroecologia como produção e consumo politicamente implicado (dimensão repertório compartilhado); e a sociabilidade e transgeracionalidade (dimensão ação conjunta).

Compromisso mútuo

A Feira pode ser entendida usualmente como o grupo de pessoas que “fazem a feira”³ – produtores(as), consumidores(as), e outras –, que compartilham interesse pelo seu espaço. Entretanto, algumas questões complexas aparecem vinculadas a essa participação. A recorrente expressão “comida de verdade”, por exemplo, fala de um campo de sentidos na rede de produção e consumo dos alimentos que, na Feira, acha possibilidade de

3 Os termos entre aspas são êmicos – derivados diretamente das narrativas de participantes.

reverberação. Um dos principais aspectos relacionados à “comida de verdade”, na fala de consumidores(as), em especial, é o de produtos sem agrotóxicos, que não sejam maléficos para os corpos. Entretanto, nas narrativas de produtores e consumidores a preocupação com a saúde não se dá desvinculada de outros conteúdos, como a forma de produção dos alimentos negociados. A forma de produção de um alimento de maneira sustentável e com “respeito social” é o principal motivo de busca por parte de consumidores(as), o que também é identificado por produtores(as) como o que acreditam ser o motivo de busca de sua clientela.

Eu acho que o motivo que está no topo da minha lista é a questão da saúde. Eu venho aqui na feira buscar a saúde, principalmente para os meus filhos, para mim e o meu marido, né? Uma questão importante para a minha família. (C3)

Eu frequento essa Feira, acho que há mais de vinte cinco anos. E, inicialmente, foi em busca de alimentos que sejam mais nutritivos [...] e, também, que não tenha substâncias [...] que o nosso corpo não reconhece como alimento. Mas, ao longo dos anos que eu venho frequentando, eu fui me dando conta que tinha muito mais do que isso. As relações que se estabelece entre produtor e consumidor. (C4)

Bom, o principal motivo de frequentar a Feira é o fato de ter produtos ecológicos. E, além de ter os produtos ecológicos, pela tradição e pelo tempo, vamos dizer assim, em que essas práticas são desenvolvidas, tanto na propriedade, quanto na própria relação entre produtor, consumidor. É, não só pelo tempo, mas como pelo conhecimento das pessoas que estão envolvidas. (C5)

No nosso assentamento as pessoas estão se mantendo firmes, e o fato de estarmos na Feira é uma grande diferença, pois estamos levando um alimento saudável, sem veneno, estamos ali acompanhando todo o processo da plantação, dos cuidados, das aplicações biodinâmicas, dos biofertilizantes que produzimos, e levar isso pra Feira, sabermos explicar tudo o que o cliente perguntar sobre nosso trabalho, nós sabemos tudo o que aconteceu com aquela planta. É uma ligação muito forte do trabalho com a terra, de colhermos as plantas e levarmos pra Feira [...]. Além de todo esse cuidado com o meio ambiente, temos uma conexão muito forte. (P2)

Como percebemos nos fragmentos de narrativas, o alimento nutritivo, ainda que possa ser motivo de uma busca inicial e um dos mais recorrentes entre consumidores(as) da Feira, constantemente abre espaço para a relação de proximidade entre produção e consumo como parte de um ciclo de alimentação saudável que se desdobra em outras dimensões sociais. Esse ciclo é compreendido como positivo, de modo que a relação de confiança entre produtor e clientela é dimensão crucial das negociações. A Feira é indicada pelos interlocutores da pesquisa como espaço que possibilita uma proximidade maior do consumidor com o itinerário de produção dos alimentos *in natura*, frescos e sem agrotóxico, mas, além disso, parece fortalecer uma dimensão de categoria de relação

social: o trabalho. Para os produtores, como se vê exemplificado no segundo fragmento, a possibilidade de trabalho que se inscreve numa noção de proteção ambiental, com a qual se identificam, possibilita o reconhecimento dentro de um fazer social, assim como estabelece outros sentidos que não exclusivamente o ganho financeiro, mas especialmente chancelado como positivo pela comunidade de consumidores.

Nesse aspecto, é importante notar que muitos produtores consideram estrategicamente mais interessante a troca da produção de produtos com agrotóxico – que realizavam anteriormente – por produtos livres desse tipo de substâncias. Essa estratégia, em especial, liga-se ao menor risco em suas atividades de cultivo e trato com os alimentos, o que representa uma maior qualidade de vida e de trabalho, mas também passa a ser gradativamente melhor reconhecida e valorizada por um grupo fiel e crescente de consumidores. O ideal de uma produção sem agrotóxico e de perfil ecológico envolve tanto a saúde dos próprios produtores, como se acopla a argumentações dentro do contexto das negociações do mercado:

[...] A gente se sente bem em trabalhar sem o veneno. A gente se sentia mal de passar o veneno, às vezes a gente até passava mal porque dias de verão, com o calor, a gente usava máscara, um macacão pra se proteger, mas não aguentava o calor lá dentro e o veneno entrava, penetrava o corpo da gente mais ainda. Ficava uma estufa, era horrível. Quando a gente fazia força a gente chegava a suar do calor e o veneno penetrava mais ainda. Era horrível! Ganhar um pouco a mais de dinheiro, ou até menos dinheiro, e a pessoa se envenenar e nunca mais conseguir trazer a saúde de volta. (P6)

Essas mesmas formas de argumentação, que tomam o valor de mercado como atravessador importante no campo da saúde, são vistas no que concerne às justificativas do consumo de produtos agroecológicos por parte da clientela. Concorrem nas narrativas aspectos voltados para o futuro da família – como nos casos em que a busca por alimento orgânico se dá em função de uma nova gestação, por exemplo – e argumentos que se baseiam no planejamento de futuros gastos com saúde:

A gente brinca em casa que o que não gasta em farmácia, ou médico, e hospital, gasta em produtos de qualidade, enfim. Principalmente a questão orgânica, a questão biodinâmica... Essa coisa do papel da feira, veio para suprir esse, essa lacuna. A gente precisa desse alimento são, sano. E, enfim, para não gastar depois... É pelo olho da prevenção, é pelo olho da, do bem-estar. Acho que sobretudo do bem-estar, né. Comer e ficar bem... E cânceres que a gente tá vendo... Mata que nem mosca. (C9)

Mas, em primeiro lugar, foi para a saúde. Tanto é que a gente tem um lema: nosso plano de saúde é a feira, o nosso plano de prevenção é a feira, a gente não tem plano de ‘doença’. (C1)

Os significados atribuídos à escolha pela feira formam uma rede semântica que indica aspectos de compromisso mútuo. Pela perspectiva do compromisso mútuo, enquanto fator comunitário, compreende-se uma rede de significações que se negociam mutualmente,

e que, portanto, geram determinadas articulações sociais em contexto. No contexto da Feira, podemos indicar que o eixo principal indicado pelos(as) interlocutores(as) da pesquisa foi a circulação de alimentos livres de agrotóxicos. Esse elemento parece ser o eixo discursivo central pela eleição dessa possibilidade de relação de produção, comercialização e consumo. Entretanto, compreendendo que o compromisso mútuo é resultado do desencadeamento de fazeres conjuntos e, portanto, na manutenção de uma comunidade pela via da relação e da negociação dos processos grupais, podemos perceber que outros aspectos simultaneamente relacionados ao alimento agroecológicos acabam sendo associados.

O eixo produção, comércio e consumo do alimento sem agrotóxicos passa a ser associado a hábitos saudáveis de alimentação e de vida, especialmente articulado ao consumo no contexto familiar. A proteção dos filhos e familiares aparece como argumentação nas entrevistas, em especial nas narrativas de clientes, e se une a ideias de tradição (tanto em relação ao tempo frequentado pelas famílias, quanto pelos produtores no espaço da feira) e de proximidade entre produtores e consumidores. Nesse contexto, alimentar-se e produzir com base nessa proposta saudável – atualizada na Feira – significa tanto uma articulação com redes outras de socialização e significação do produzir e alimentar-se, como uma forma de prevenção que não se desvincula das noções de mercado e capital.

Produtores(as), ao passo que indicam senso de responsabilidade por não “passar o veneno” (P6), articulam com isso uma noção de que o lucro com o aumento da produção decorrente do uso de agrotóxicos não se sobrepõe ao risco de saúde e futuros gastos com atenção médica. Ainda nesse aspecto, a Feira, por vezes referida como “plano de saúde” (C1), indica a presença dessa forma de negociação.

A dimensão de compromisso mútuo foi percebida também relacionada a essa rede de confiança que, segundo Giddens (1991), pode ser entendida como um sistema de relações sociais que integram e geram crença na credibilidade de pessoas ou sistemas. A confiança pode ser construída nas relações face-a-face ou a distância, são compromissos com rosto e sem rosto (Giddens, 1991). No caso da Feira a relação de confiança se dá majoritariamente na presença, no diálogo, no convívio, nas rotinas. Portilho e Castañeda (2011) trazem a discussão de que para construir a confiança é importante a presença das “mesmas pessoas de sempre”, gerando muitas vezes a sensação de segurança. Algumas pessoas se conhecem pelo nome, outras foram conhecer a produção, e existem relações de amizade entre diversos(as) interlocutores(as). Outro aspecto da confiança abordado por Giddens (1991) é gerado por interação não presencial, mas virtual, por símbolos e sistema de peritos (técnicos), enquanto sistemas abstratos – o que nos permite realizar um paralelo com o sistema de certificação de orgânicos (Portilho; Castañeda, 2011), que também figura como elemento constituinte da rotina da Feira, ainda que de importância minoritária diante das relações pessoais.

Diferentes estudos têm apontado que o estabelecimento de relações de confiança, em diferentes níveis e formatos, continuam sendo um aspecto distintivo desses lugares de encontro (Vedana, 2008; Sato, 2012; Cassol, 2013; Minnaert, 2008; Perez-Cassarino, 2013).

Entretanto, o teor dessas redes que se denominam confiança necessitam de especificações relacionadas às particularidades sócio-históricas. Como indicam interlocutores(as) desta pesquisa:

Conhecendo os produtores a gente tem mais confiança. No início as pessoas perguntam: “Tá, mas tu tens certeza que eles são orgânicos?”. Mas aí a gente vai conhecendo, depois de conhecer a gente tem certeza. (C1)

[...] uma confiança absoluta nos produtos, fundamentalmente nos produtores. (C9)

A relação é interessante, pois sentimos a confiança de quem está consumindo o nosso produto, de quem compra desde o primeiro dia que chegamos à Feira até hoje. As pessoas continuam comprando e avaliando, dizendo o que melhorou e o que precisa ser melhorado, então é uma relação muito sincera com os consumidores e nós procuramos fazer as coisas boas para os consumidores, para ouvir isso mesmo, pois ouvimos tantos comentários que pensamos se merecemos, se é real. É uma relação de confiança, tanto que as pessoas vão para lá visitar o nosso trabalho e falam que é muito mais do que dizemos. (P2)

O “conhecimento” que circula (como verbalizado na entrevista C5), em específico, é um dos aspectos que, além de figurar dentro do contexto do compromisso mútuo (intrinsecamente relacionado à proximidade entre produtores[as] e consumidores[as]), também foi indicado como um sustentáculo do que se compreende como campo de repertório compartilhado. Nesse sentido, se mostra uma indissociabilidade entre a relação de confiança e a constituição de um Repertório Compartilhado, aspecto que será explorado com mais cuidado na seção que segue.

Repertório compartilhado

O que constitui a Feira como comunidade de prática se mostra intrinsecamente relacionado à história deste espaço, especialmente no que se refere às particularidades do repertório compartilhado. Historicamente, a Feira surge em 1986 com alguns objetivos delineados, dos quais se pode destacar: a divulgação da produção ecológica, a conscientização sobre saúde e alimentos agroecológicos, proporcionar um espaço de encontro entre produtores e consumidores, promover o fortalecimento do Movimento Ambientalista e a divulgação do cooperativismo (Schultz, 2001).

Desde o início houve uma intencionalidade, pois 1º: a Feira foi criada para ser um espaço de troca, um espaço cultural, [...] quando não tinha condições de realizar a Feira em 89, a gente resolveu fazer a Feira, mas com este olhar cultural, com este olhar de troca, político, aonde o alimento era um aproximador, ele era um instrumento de aproximação, de trocas de necessidades, de viabilizações, de lutas políticas, a questão contra os agrotóxicos, enfim. Tudo isso, difundindo uma coisa que a gente mal sabia direito, que era a luta ecológica, e sempre o discurso dela foi como uma construção, não um produto pronto. (P7)

A maioria dos agricultores, dos produtores, enfim, dos, das pessoas que cuidam da agricultura, [...] foca na sua atividade somente sob o ponto de vista econômico. Com a Feira, a gente tem uma outra dimensão para o ato de produzir o alimento [...] (P3)

O desenho de algumas diretrizes para o trabalho dos(as) produtores(as) na Feira, assim como a percepção de que se trata de outra visão, que não a dos mercados majoritários, nos fazem atentar para a agroecologia e a noção de consumo sustentável como eixos fundamentais na esfera do repertório compartilhado. Para compreender as nuances desse aspecto, é necessário resgatar algumas características do que se concebe como Movimento Agroecológico.

Agroecologia é uma ciência com princípios, conceitos, métodos que permite desenvolver uma agricultura sustentável (Altieri, 2002; Schultz, 2007). O enfoque agroecológico está ligado aos conceitos e princípios da ecologia para o suporte de agrossistemas sustentáveis (Gliessman, 2000). Trata-se de diferentes formas de ação social coletiva, mediante desenvolvimento participativo dos atores, tanto na produção como distribuição, estabelecendo uma nova forma de produção e consumo que contribui para superar a crise ecológica e social (Sevilla Guzmán, 1999). Dessa forma, envolve diversos conceitos de maneira interdisciplinar, como alguns derivados da ecologia, agronomia, sociologia, antropologia e economia, dando ênfase para o que se compreende como dimensões da sustentabilidade: ecológica, social, cultural, política, ética e econômica (Caporal; Costabeber, 2002).

Para alguns autores, a agroecologia pode ser vista sobre três aspectos: como ciência, prática e movimento social (Schultz, 2007; Wezel et al., 2009; Petersen, 2013). Em relação à ciência, a agroecologia traz de modo crítico uma alternativa à agricultura tradicional e industrializada, na forma de desenvolvimento de agrossistemas sustentáveis. Como prática, valoriza o capital ecológico e social por meio da recampesinação. Enquanto movimento social mobiliza atores sociais envolvidos prática e teoricamente no seu projeto, engajados em preceitos de justiça social, segurança e soberania alimentar, economia solidária e relações mais equilibradas entre espaços rurais e urbanos (Petersen, 2013). Esses aspectos aparecem muito vinculados às narrativas de consumidores(as) e produtores(as), de modo que a Feira é vista como forma de resistência à massificação do alimento que não nutre e do alimento tido como contaminado por agrotóxicos. Além disso, a percepção de que o trabalho envolvido e o investimento no alimento produzido e consumido possuem uma história é relatada como diferencial.

A gente recebe essa energia em forma de gratidão, de satisfação das pessoas, em ter a oportunidade de adquirir o seu produto, um alimento saudável, sem contaminação, né?! Produzida assim, com amor, com dedicação, sem o uso de substâncias químicas, um alimento mesmo, né. Então, isso também nos dá uma satisfação que é muito importante, nos “abastece”. (P3)

Os consumidores, a maioria que vem aqui diz que, principalmente com semente de milho, tem uma história, tem uma cultura por trás. (P8)

Com os anos a gente vai começando a ter uma relação com os produtores. E acho que isso, hoje em dia, mais me motiva, de querer comprar deles, os produtos. E tem toda aquela questão de usar um produto que está sendo produzido no Rio Grande do Sul, são pequenos produtores, é a questão da economia que fica girando aqui. (C7)

Dentro desse espectro, noções relacionadas a consumo também figuram como aspectos importantes de repertório compartilhado. Em especial aparecem nas narrativas desta pesquisa como possibilidade de resistência para além de contextos majoritários, assim como forma de incentivo ao comércio regionalizado. Esses aspectos nos fazem atentar para o entendimento de Portilho (2009; 2010), que vê consumidores não como indivíduos automatizados, fragmentados, hedonistas e autointeressados, como vítimas passivas das forças de dominação. A partir dessa perspectiva o consumidor *pode* exercer a cidadania sendo um ator social crítico. Essa noção não envolve entender de forma ingênua o consumidor como novo “ator social” *per se*, mas considera o campo do consumo como terreno de novas práticas políticas que têm possibilidade de emergência na atualidade (Portilho, 2010).

O consumo é, nesta perspectiva, um processo social produtor de sentidos e identidades (Barbosa; Campbell, 2006), “um conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos” Canclini (1996, p. 53). A Sociologia e Antropologia do Consumo trazem aspectos além do consumo material de bens, como a reprodução social e a interferência nas relações sociais (Portilho, 2009). Douglas e Isherwood (2006) compreendem o consumo como um processo que ajuda a entender a organização da sociedade, uma vez que envolve dinâmicas que marcam relações sociais. A escolha do que consumir está arraigada ao sentimento de pertencimento a uma determinada comunidade moral (onde sujeitos compartilham a mesma base normativa, onde as escolhas são consideradas melhores ou não), portanto decidir o que comprar são escolhas circunscritas por questões morais (Portilho, 2009).

Quando no discurso são incorporados valores como ética, responsabilidade e solidariedade nas práticas de consumo, torna-se uma ação política e uma forma de participação na esfera pública (Portilho, 2009). Para Portilho (2009) se estabelece uma nova categoria: consumidor responsável, que tem envolvimento com a questão ambiental, se vê como um ator social com responsabilidades e deveres. Esse fenômeno pode se dar através de movimentos de consumidores, economia solidária, comércio justo, compras coletivas, boicotes, entre outros (Portilho, 2009; 2010). Segundo Portilho (2009), os consumidores politizados têm algumas características, como o envolvimento com aspectos socioambientais, sentem-se responsáveis pela melhoria ambiental, agem mais no consumo do que em ações políticas convencionais ou em movimentos sociais organizados, se veem como atores sociais resolutivos.

Não precisa ser só por meio da política (**partidarismo**), mas por meio da ação cotidiana, a política vai muito pelo poder. Não estou tirando a importância da política, mas que temos que agir por várias frentes [...] Comer é de dia a dia [...] (C6)

Eu acho que é importante a gente investir o nosso dinheiro numa economia sadia e limpa. Eu penso no dinheiro que entra na minha produção. Mas que volte esse dinheiro pra um sistema produtivo de uma economia limpa e saudável. (P3)

Com o passar dos anos, comprando semana a semana, começou esses laços a se fortalecer, a gente foi se conhecendo, olhando olho no olho, brilhando, sorrindo, não porque quer te vender, mas por aquela ideia do ético, do correto, que não se limita à transação, dar o dinheiro e receber o produto. Não estão tentando te passar a perna, ele está vendendo um produto que ele acredita, que está fazendo um esforço para não colocar veneno. (C2)

Repertório compartilhado é um espaço de negociação e disputa: ser consumidor(a) pode ser compreendido como ser agente que negocia sua participação em determinada comunidade. Essa forma de ação, entretanto, demanda certos tensionamentos, como vemos no fragmento de narrativa a seguir:

É difícil para mim comer frango sabendo dos processos, mas daí entra meu lado espiritual e agradeço que minha avó cozinha para mim, com seus 84 anos, com tanto amor, e eu agradeço... agradeço à minha mãe, que acha que aquilo é o melhor para nós. Acho que recusar machuca muito eles. Eu já sou muito radical, eu falo muito por querer que isso conecte com eles, mas não brigo, não adianta... eu mudei o hábito da alimentação, eu sei que agora estou em contato com tantas substâncias que não deveria, mas é muita noia, é de ficar louco! (C6)

A industrialização produziu outras formas de relação com o alimento em suas dimensões histórica e mnemônica. Se deparar, majoritariamente, com o produto final sem ter contato com o processo de produção tem gerado, em intersecção com informações sobre os riscos de substâncias atuais, insegurança e preocupação. Segundo Contreras (2007) a industrialização da alimentação, percebida como artificialização por muitos coletivos, nos leva a saber cada vez menos acerca do que comemos. O mesmo autor indica que esse processo engendra relações mais instrumentais do que simbólicas com o que ingerimos. Essa percepção é vista se levarmos em conta que a frequente transformação dos alimentos distancia a relação dos processos de produção do consumidor final, expandindo, dessa forma, a cadeia alimentar como processo rarefeito de coletividade.

Nessa dinâmica, o uso de aditivos, agrotóxicos e transgênicos parece coroar uma despersonalização em relação aos processos alimentares (Menasche, 2004). Ao mesmo tempo, nunca se estudou tanto sobre alimentos, doenças, fisiologia, bioquímica, metabolismo e tecnologias de produção, e se identificaram movimentos em prol de alimentações que se propõem mais saudáveis. As ciências biológicas e da saúde, que evoluíram de forma extraordinária, classificam e categorizam os alimentos valorizando a sua composição química e ressaltando sua importância para os organismos, diminuindo os investimentos na sua dimensão social e cultural (Contreras; Gracia, 2011) e inscrevendo, concomitantemente, a noção de saúde.

Ação conjunta

A feira é um momento social, é uma festa⁴

A feira é um espaço que engloba um cenário de práticas sociais que fomenta e se dá pela relação interpessoal. A palavra “feira” vem do latim *feria*, que significa “dia de festa”, é um local de vendas, trocas, encontros e conversas (Minnaert, 2008). Singer e Mason (2007), por exemplo, indicam que as pessoas conversam mais nos mercados de produtores locais do que em supermercados, reiterando essa dimensão qualitativamente distintiva. Considerando esse espaço de comunicação interpessoal, no qual a feira se compõe enquanto espaço onde produtores(as) e consumidores(as) compartilham valores sociais, autores têm apontado para aspectos éticos envolvendo esses ambientes. Segundo Goodman (2004), por exemplo, estabelece-se pelo contato face a face uma ética relacional, envolvendo ocupação do espaço, produtos, pessoas, significados, conhecimentos compartilhados. É nesse processo que a rede estabelecida gera relações de confiança e marca, por exemplo, a legitimidade da qualidade dos alimentos.

Nesta pesquisa, reiteradamente a Feira foi identificada como ambiente de trocas de informação e de aprendizagem. Entretanto, as narrativas apontavam para aspectos paralelos, como a valorização do fazer na agricultura e da posição do(a) consumidor(a) como sujeito de negociação ativa, fatores contrapostos ao que os(as) interlocutores(as) identificavam no cotidiano em supermercados. A valorização do campo de diálogo aberto na Feira demonstra uma compreensão da ação dialógica como diferente da maioria dos espaços de comércio urbanos.

O diferencial da feira é isso, um resgate entre as pessoas, porque essa coisa da cidade grande criou uma distância entre as pessoas. As pessoas entram em um lugar junto, elas não se olham, não conversam, e a feira traz isso, uma relação de amizade, todo mundo é amigo, as pessoas vão se conhecendo e confiando umas nas outras, vai criando um compromisso. (P1)

Uma das coisas que é legal daqui é que tem muitas coisas que eu não conheço e tu pergunta, ele te explica como que é, e pra que serve. Às vezes tem pessoas que perguntam e a gente ajuda, a gente que já tem certo conhecimento, troca receita, e eu acho muito bom isso. A gente aprende muita coisa, é maravilhoso, é um resgate profundo do agricultor que se sente respeitado e o consumidor que se sente inteligente, o colono, o agricultor, os dois. (C1)

Assim como tu consegue mostrar pro consumidor como é que produz, e a importância de se produzir um alimento saudável, tu também recebe muita informação do consumidor. Eu mesma, muitas coisas que eu planto hoje foi por indicação de consumidores. “Bah!, tu não tem tal coisa?” “Não, mas e aí, onde é que eu encontro?”. E aí a gente vai atrás, busca e planta. (P5)

E o motivo principal é essa participação direta entre o consumidor e o produtor. Essa troca de conversa, de experiência. (P4)

4 Trecho da fala de um participante consumidor.

É como se fosse uma grande família. (P4)

A feira é o quintal da minha casa. (C9)

Apesar de as narrativas reiterarem a vinculação entre produtores(as), a literatura tem indicado a intensificação do abandono do trabalho com a agricultura em detrimento da centralidade das formas de vida em território urbano. A perspectiva de permanência dos jovens no meio rural, na sucessão geracional na agricultura familiar, é de grande importância, não só para as famílias, como também para reprodução desse modo de produção ao longo do tempo. Tem sido indicado que o desinteresse pela permanência no campo se dá, muitas vezes, pelas representações negativas em relação a esse tipo de trabalho, desvalorizando essa atividade; outras razões são a dureza do trabalho, baixos rendimentos e aspectos intrinsecamente vinculados a relações de gênero (Brumer, 2007). Entretanto, a participação de famílias na Feira compõe o perfil da maioria dos(as) produtores(as). Esse aspecto pode ser melhor analisado considerando uma dimensão presente nas narrativas, a transgeracionalidade, que aparece nas narrativas de ambos os grupos de interlocutores(as).

Eu cresci no campo, e a gente comia o que plantava e cultivava. Eu não tinha noção do quanto a gente tem memórias: é de sabor, de olfato, e o quanto isso é importante, a gente ter esse tipo de experiência na infância. Eu não tinha noção de como isso impactaria a vida no futuro. (C4)

A gente começou a produzir brotos. É porque minha vó fazia broto, tofu, missô e shoyo, então... receita da vó passada para os netos. E foi indo, né. (P4)

Hoje tá bem complicado tu manter o pessoal na roça. Nossos filhos já estão com vontade de sair. A gente tenta que eles fiquem, né. Porque eu fiquei por causa da agricultura orgânica. Se não fosse por isso, eu não teria ficado. (P5)

Formas de educação enquanto estratégias de resistência ao abandono dos trabalhos no campo, e portanto, do afastamento de um fazer que compõe um campo de memória dos grupos familiares, aparecem ao longo das narrativas. Um exemplo é a ênfase dada, na narrativa de uma produtora, para a foto de seu filho no cuidado de uma horta de tomates (responsabilidade do próprio menino). O incentivo a esta atividade, o cultivo de uma pequena horta de tomates orgânicos, culminava com a venda dos tomates na banca da família. A Feira, nas narrativas, pode ser compreendida como um espaço de revalorização do trabalho no meio rural por segmentos da população urbana, fortalecendo a permanência dos jovens no campo. Muitos filhos de produtores participaram com a família da Feira, alguns desde a infância, e hoje são agricultores. Em relação à valorização do trabalho no campo, a feira tem um papel importante para os produtores, que veem um retorno gratificante.

Ao passo que se reitera certa dissociação urbano/rural, também parece se fortalecer certa identidade de produtor(a). Se adotarmos o conceito de identidade como o postulado por Lopes de Oliveira (2006), que entende que a linguagem tem um papel central como constituinte da identidade e de nossa experiência de mundo, o senso de identidade pode

se expressar na forma de histórias – vividas, contadas, recontadas e intersubjetivamente transformadas. Esse caráter “narrativo” da identidade permite que se refira a ela como identidade narrativa. Segundo a fala de um produtor, podemos compreender esse campo de experiência que se desenvolve na materialidade da própria narrativa sobre ser um produtor agroecológico:

Mas o meu melhor motivo é que a feira aqui para mim é uma escola da vida. Não pela venda dos produtos, mas principalmente pela relação com as pessoas, e principalmente com os consumidores. É aqui na feira de Porto Alegre, onde todo o trabalho que eu faço é valorizado. (P8)

Entretanto, essa dimensão identitária não se dá sem tensionamentos e estratégias. Um dos aspectos que atravessa as narrativas – tanto no que se refere a aspectos transgeracionais de manutenção do negócio familiar, como da constituição de um campo identitário de trabalho – é a capacidade de se sustentar no mercado um produto considerado diferenciado. O produto orgânico supõe um mercado que lhe acolha como campo de possibilidade e, nesse sentido, convive-se com certas resistências à organização de vida rural e no campo da alimentação, entretanto com uma importante captura por uma dimensão cada vez mais proeminente de capital.

Considerações finais

A noção de comunidade de prática, tal como é utilizada na perspectiva teórica neste artigo, considera as comunidades como fenômenos socialmente situados e é utilizada para refletir sobre os discursos e materialidades que compõem a presença de seus membros. Tendo em vista a grande gama de possibilidades estratégicas de pertença, de participação e de diferenciação, a comunidade torna-se um elemento central para a compreensão de práticas e pessoas que se mobilizam, interagem, desenvolvem um sentido de engajamento. Contudo, a ideia de comunidade não implica que exista homogeneidade. Este estudo permitiu a compreensão de alguns dos tensionamentos que apontam a um campo heterogêneo e potente de análise no contexto da feira agroecológica.

O eixo transversal neste estudo, ou seja, o da Feira agroecológica como comunidade de práticas que se possibilita inteligível dentro de uma relação social simbólica de confiança entre seus membros, tensiona-se entre os valores agroecológicos mais romantizados e os atravessamentos das lógicas neoliberais contemporâneas. Nesse panorama, atributos relacionados a formas de associação do alimento orgânico, como investimento em saúde, a dimensão de implicação política, as formas de sociabilidade e transgeracionalidade (assim como certo familismo) se veem marcados por um importante aspecto neoliberal e, concomitantemente, possibilidade de dissidência política. O investimento no produto orgânico entendido como “plano de saúde” e a transgeracionalidade fortemente relacionada à emergência do orgânico enquanto novo eixo de mercado são exemplos profícuos desses atravessamentos atuais que se expressam nas práticas cotidianas.

A despeito das implicações mercadológicas, a resistência que essa forma de produção agroecológica representa em um contexto de desvalorização do trabalho campestre nacional (e conseqüente migração da mão de obra para espaços de intensa urbanização), pela criação de estratégias familiares de transgeracionalidade, e dá indicativos de investimentos futuros em pesquisa e planejamento econômico. Além disto, essas alternativas ao trabalho agroindustrial, envolvidas em aspectos de sociabilidade e engajamento, mostram formas de resistência política possibilitadas pela via de um mercado “minoritário”, que desponta numa potente rede dialógica de negociação comercial sustentável e sociabilidade.

Referências

- AMON, D.; GUARESCHI, P.; MALDAVSKY, D. Paladar e emoção em cozinhas de cozinheiros. *Revista Metrópole*, Porto Alegre, v.12, p. 17-32, jul./set. 2005.
- ALTIERI, Miguel. *Agroecologia: as bases científicas da agricultura sustentável*. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2002.
- BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- BRUMER, Anita. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná (Org.). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 35-51.
- CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Análise multidimensional da sustentabilidade: uma proposta metodológica a partir da Agroecologia. *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 70-85, jul./set. 2002.
- CASSOL, Abel Perinazzo. *Redes agroalimentares alternativas: mercados, interação social, e a construção da confiança*. 2013. 186 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- COLLAÇO, Janine; MENASCHE, Renata. Comer contemporâneo: e não é que comida continua boa para pensar? *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 5-11, jan./jun. 2015.
- CONTRERAS, Jesús. Os Paradoxos da modernidade alimentar. In: MONTEBELLO, Nancy de Pilla; COLLAÇO, Janine Helfst Leicht (Org.). *Gastronomia: cortes & recortes*. Brasília: SENAC, 2007. p. 31-49.
- CONTRERAS, Jesús; GRACIA, Mabel. *Alimentação, sociedade e cultura*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011.
- DIEZ GARCIA, Rosa Wanda. Alimentação e saúde nas representações e práticas alimentares do comensal urbano. In: CANESQUI, Ana Maria; DIEZ GARCIA, Rosa Wanda (Org.). *Antropologia e nutrição: um possível diálogo*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. p. 211-225.
- DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- DOS SANTOS, Manoel Antonio; DIEZ GARCIA, Rosa Wanda; LIOTINO DOS SANTOS, Marília. A sujeição aos padrões corporais culturalmente construídos em mulheres de baixa renda. *Demetra: Food, Nutrition & Health/Alimentação, Nutrição & Saúde*, Rio de Janeiro, n. 10, v. 4, p. 761-774, set./out. 2015.
- FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- GLIESSMAN, Stephen. *Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- GONÇALVES, Alexandre Oviedo; ABDALA, Mônica Chaves. “Na banca do ‘Seu’ Pedro é tudo mais gostoso”: personalidade e sociabilidade na feira-livre. *Ponto Urbe* [Online], v. 12, p. 1-14, jul. 2013.

GOODMAN, Michael. Reading fair trade: political ecological imaginary and the moral economy of fair trade foods. *Political Geography*, Durham, v. 23, n. 7, p. 891-915, 2004

HAMANN, Cristiano; PIZZINATO, Adolfo; ROCHA, Kátia Bones. Dinâmicas de gênero e sexualidade no sexo tarifado entre homens: uma análise por meio da noção de comunidades de prática. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 25, n. 3, p. 1007-1024, set. 2017.

HELMAN, Cecil. *Cultura, saúde e doença*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LOPES DE OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 2, p. 427-436, maio/ago. 2006.

MACIEL, Maria Eunice. Identidade cultural e alimentação. In: CANESQUI, Ana Maria; GARCIA, Rosa Wanda Diez (Org.). *Antropologia e nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

MENASCHE, Renata. Risco à mesa: alimentos transgênicos, no meu prato não? *Campos-Revista de Antropologia*, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 111-119, 2004.

MINNAERT, Ana Cláudia Soares Teles. A feira livre sob um olhar etnográfico. In: FREITAS, Maria do Carmo Soares; FONTES, Gardênia de Abreu Vieira; OLIVEIRA, Nilce de (Org.). *Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura*. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 129-148.

PEREZ-CASSARINO, Julian. *A construção social de mecanismos alternativos de mercados no âmbito da Rede Ecovida de Agroecologia*. 2013. 479 f. Tese (Doutorado em Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

PETERSEN, Paulo. Agroecologia e a superação do paradigma da modernização. In: NIEDERLE, Paulo André; ALMEIDA, Luciano; VEZZANI, Fabiane Machado (Org.). *Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura*. Curitiba: Kairós, 2013. p. 69-103.

PORTILHO, Fátima. Sociabilidade, confiança e consumo na feira de produtos orgânicos. In: BARBOSA, Livia; PORTILHO, Fátima; VELOSO, Leticia (Org.). *Consumo: cosmologias e sociabilidades*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. p. 61-86.

_____. Autoatribuição de responsabilidade: consumo de alimentos orgânicos em uma feira certificada. *Etnográfica*, Lisboa, v. 14, n. 3, p. 549-565, out. 2010

PORTILHO, Fátima; CASTAÑEDA, Marcelo. Certificação e confiança face a face em feiras de produtos orgânicos. *Revista de Economia Agrícola*, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 11-21, jan./jun. 2011.

PROENÇA, Rossana Pacheco da Costa. Alimentação e globalização: algumas reflexões. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 62, n. 4, 43-47, out. 2010.

SATO, Leny. *Feira livre: Organização, trabalho e sociabilidade*. São Paulo: Edusp, 2012.

SCHMIDT, Maria Inês et al. Doenças crônicas não transmissíveis no Brasil: carga e desafios atuais. In: VICTORA, Cesar Gomes et al. (Org.). *The Lancet Saúde no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011. p. 61-74.

SCHULTZ, Glauco. *As cadeias produtivas dos alimentos orgânicos comercializados na Feira da Agricultura Ecológica em Porto Alegre/RS: Lógica de produção e/ou de distribuição*. 2001. 152 f. Dissertação (Mestrado em Agronegócios) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

SCHULTZ, Glauco. Agricultura orgânica: influências das relações com o mercado no processo de profissionalização dos agricultores. *Revista Brasileira de Agroecologia*, Frederico Westphalen, v. 2, n. 10, p. 393-397, set./out. 2007.

SEVILLA GUZMÁN, Eduardo. *Ética ambiental y agroecología: elementos para una estrategia de sustentabilidad contra el neoliberalismo y la globalización económica*. Córdoba: ISEC-ETSIAM, 1999.

SINGER, Peter; MASON, Jim. *A Ética da Alimentação: como nossos hábitos alimentares influenciam o meio ambiente e o nosso bem-estar*. Rio de Janeiro: Campus, 2007.

VEDANA, Viviane. *No mercado tem tudo que a boca come: estudo antropológico da duração das práticas cotidianas de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo*. 2008. 258 f. Tese (Doutorado em Filosofia e Ciências Humanas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

WENGER, Etienne. *Comunidades de prática: aprendizaje, significado e identidad*. Barcelona: Paidós, 2001.

WEZEL, Alexander et al. Agroecology as a science, a movement and a practice: a review. *Agronomy for Sustainable Development*, Paris, v. 29, n. 4, p. 503-515, dez. 2009.

WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Agroecological fair as community of practice: networks of sociability, consumption and resistance

Abstract

This study seeks to understand the functioning of an agroecological fair in Porto Alegre (Brazil), using the notion of *communities of practice*. In addition to participant observation for four years, nineteen interviews were held between producers and consumers in order to build a network of recurring themes that allow mapping the relations established. Three aspects emerge in the analysis of this *community*: the association of organic food with health; agroecology as political production and consumption; confidence, sociability and transgenerationality as relational aspects distinguishing this practice. The social actors take positions in environmental discourse involving alternatives to agro-industrial production, bringing up forms of political resistance that show up in the building of a dialogic network of trade negotiations and sociability.

Keywords: Food practices, food culture, agroecological fair, communities of practice, rurality.

Feria agroecológica como comunidad de práctica: redes de sociabilidad, consumo y resistencia

Resumen

Este estudio busca comprender una feria agroecológica en Porto Alegre (Brasil) a través de la noción de Comunidades de Práctica. Además de la observación participante durante cuatro años, han sido realizadas diecinueve entrevistas con productores(as) y consumidores (as), de manera a construir una red de temas recurrentes y aprensiones acerca de las relaciones establecidas. Se destacan tres aspectos en la formación de esta comunidad: la asociación entre alimentos orgánicos y salud; el agroecología como producción y consumo político y la confianza, sociabilidad y transgeneracionalidad cuanto aspectos relacionales particulares. Los actores sociales asumen posiciones en un discurso ambientalista que implica en alternativas a la producción agroindustrial, fomentando formas de resistencia política que despuntan en la construcción de una red dialógica de negociación comercial y sociabilidad.

Palabras clave: Prácticas alimentarias, cultura alimentar, feria agroecológica, comunidades de práctica, ruralidad.

Data de recebimento do artigo: 17/10/2016

Data de aprovação do artigo: 13/11/2018